

AS TRONCO DIANTE DAS DE DEUS E DOS HOMENS

versias
de
ções de fé.
idi,
chez...

ado, na Casa
stituto Ciência
ressivo) grupo
católicos e
de dois temas
atenções do
o tornou legal
as tronco
o próximo dia
de estudos do
-16), das 9 às
is amplo de
ampliara os
a aberta aos



Eleidi Freire-Maia, Euclides Scalco, Aroldo Murá G. Haygert (ao fundo), Mário Sanchez, Jean Carlos Selletti, Rev. Valdir Ferreira, Waldemiro Gremski, Pe. Ricardo Hoepers (de costas)

interessados.

A reunião de abril teve a participação de: cientistas como os professores Waldemiro Gremski (diretor do Laboratório Celular da PUC-PR) e Eleidi Freire-Maia (Genética da UFPR); e teólogos, como Mário Sanchez (PUC) e Jean Carlos Selletti (pastor presbiteriano independente, professor de Bioética da Faculdade Evangélica do Paraná, de cujo curso de Teologia é diretor);

dirigentes do Instituto, como Antonio Carlos da Costa Coelho - professor do Studium Theologicum -, Euclides Scalco, bioquímico, ex-ministro de Estado e diretor de Cursos da instituição promotora do evento, e Aroldo Murá G. Haygert, presidente do ICF.

Para o professor Peres Gediel, vice-diretor do Curso de Direito da UFPR, a matéria estabelecida é controversa, deixa margem a muitos questionamentos em Direito.

Gremski, católico praticante, acha que há que dar espaço às células embrionárias para o bem de vidas que delas dependem. Scalco acredita que houve uma espécie de golpe: empurraram a questão das células - de difícil aprovação - junto com uma de fácil encaminhamento, e de ordem econômica, a lei de Biossegurança.

(Ampla abordagem nas páginas 3, 4, 5 e 6)



Utilidade Pública Municipal
(Lei 9.025, de 31 de março de 1997)
Utilidade Pública Estadual
(Lei 11.614, de 26 de novembro de 1996)



O SITE DO INSTITUTO CIÊNCIA
E FÉ FOI DISTINGUIDO DE NOVO
COM O SELO TOP CATOLICONET

ESPORTE NACIONAL

Evaristo Eduardo de Miranda

sexualismo nos meios de comunicação, principalmente nas novelas, é um exemplo. No campo religioso é inimaginável qualquer crítica a estas posições de nossos irmãos mais velhos no judaísmo, sob pena de acusação de anti-semitismo. Uma crítica aos rituais e sacrifícios de animais pelo candomblé, por exemplo, poderia ser tratada como racismo em relação aos afrodescendentes etc. E assim por diante.

Para os católicos, a mesma regra parece não valer. Criticar e "bater" na Igreja tornou-se um verdadeiro "esporte nacional". A mídia, salvo honrosas exceções, em versões simplistas e dogmáticas, critica tudo e todos na Igreja: doutrina, organização, moral, espiritualidade, ética religiosa, ações pastorais, movimentos leigos, celibato do clero, iniciativas de evangelização, hierarquia etc. Se uma parcela dessa crítica fosse aplicada a outras minorias religiosas ou sociais, isso causaria uma grande revolta. Seria algo impensável, politicamente incorreto. No caso da Igreja católica não é. Parece até correto criticá-la de forma desmedida. Falar mal da Igreja "pega bem", me disse um editorialista.

Um exemplo emblemático foi a eleição do novo Papa. Os não católicos formularam um programa ideal de governo para o futuro Papa, para o bem da Igreja e do planeta. Com a designação do cardeal Ratzinger, eles traçaram cenários sombrios para a Igreja. Na sua missa

de coroação, Bento XVI disse: "Queridos amigos. Neste momento não necessito apresentar um programa de governo. (...) Meu verdadeiro programa de governo é não fazer minha vontade, não seguir minhas próprias idéias, mas de me colocar, junto a toda a Igreja, à escuta da palavra e da vontade do Senhor e me deixar dirigir por Ele". E não pelo mundo.

As bem-aventuranças anunciadas por Jesus também são um paradoxo: felizes os infelizes (Mt 5,3-11). É uma beatitude de compaixão. O cristão não age para reconciliar-se com o mundo, mas para pôr o reino dos céus neste mundo. O discípulo em marcha não é consolado por esse mundo, mas pela inteligência do reino de Deus. A Igreja não existe para nos distrair ou ajustar ao mundo, como faz às vezes a psicologia, mas para nos subtrair. O verdadeiro cristão faz o luto do mundo e se abre à inteligência do reino dos céus. Caminhar para o reino de Deus é inventá-lo, acolhendo as críticas justas e injustas. Somos todos irmãos. O ecumenismo é um chamado para viver sob o mesmo teto, na mesma casa (oikos). É nossa liberdade, é nossa responsabilidade. Aí está o cerne do mistério pascal do cristianismo: quando o coração chora o que perdeu, o espírito já sorri do que encontrou.

EVARISTO EDUARDO DE MIRANDA é Doutor em ecologia, autor do livro "Maravilhas a Caminho" pelas Ed. Loyola, e diretor do Instituto Ciência e Fé.